

Queremos que África Austral seja zona de Paz

N. 4/1/84 pag. 5

— Presidente Samora Machel ao Corpo Diplomático, por ocasião do Ano Novo

O Presidente Samora Machel ofereceu ontem, em Maputo, por ocasião do Ano Novo, uma recepção aos embaixadores e outros representantes diplomáticos de países e organizações internacionais, Popular de Moçambique. Na ocasião, o Chefe do Estado pronunciou o discurso que, pela sua importância, passamos a transcrever na íntegra:

Sua Excelência Christian Masuku,

Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Reino da Suazilândia,

Decano do Corpo Diplomático acreditado na República Popular de Moçambique;

Senhores Embaixadores,

Senhores membros do Corpo Diplomático,

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Escutámos com profundo agrado as palavras que nos endereçou Sua Excelência o Senhor Christian Masuku, Decano do Corpo Diplomático acreditado no nosso país.

São palavras que nos tocam profundamente porque testemunham e traduzem as excelentes relações de amizade e solidariedade existentes entre os nossos povos. Elas reafirmam a vontade crescente de reforçar e desenvolver uma cooperação sã e vantajosa entre os vossos Estados e a República Popular de Moçambique.

A vossa acção constitui um importante contributo para o crescimento do apoio e da compreensão da luta do povo moçambicano pela paz, progresso e bem-estar. A vossa acção foi igualmente notável no conhecimento generalizado da situação na África Austral e em particular da realidade da República Popular de Moçambique.

O Povo e o Governo moçambicano estão reconhecidos pelos esforços que Vossas Excelências realizaram junto dos vossos povos e Estados para que houvesse um melhor conhecimento do sentido e do significado da Revolução Moçambicana. Revolução que anseia e luta pela paz, que visa a erradicação da fome, do analfabetismo, do subdesenvolvimento. Este é um combate nobre e justo, que Vossas Excelências souberam valorizar.

Senhores Membros do Corpo Diplomático,

Findou o ano de 1983, um ano marcado pelo agravamento da tensão internacional e por grave recessão económica mundial cujos efeitos se fizeram sentir com mais dureza nos países subdesenvolvidos. Foi um ano em que se gastaram milhões de dólares na corrida aos armamentos que atingiu o limite para um confronto generalizado. Paradoxalmente alargou-se o círculo da fome em quase todos os continentes.

Em 1983, mais do que nunca, os povos do mundo viveram sob o espectro de uma guerra nuclear, guerra que a ter lugar conduziria a humanidade a uma verdadeira hecatombe. A África Austral, o Médio Oriente e a América Latina continuaram a ser palco de conflitos armados que ceifaram a vida de milhares de seres humanos, destruíram infra-estruturas económicas e sociais, retardando o progresso em benefício dos povos dessas regiões.

Assistiu-se praticamente à institucionalização do direito do uso da força em vez do uso da razão na resolução dos conflitos regionais. Constatámos o recurso à linguagem do «diklat» no lugar do diálogo sereno, responsável e profundo que assinalou as décadas passadas como uma grande conquista da humanidade.

Neste clima de tensão e confrontação, as negociações globais para o estabelecimento da nova ordem económica internacional foram deliberadamente bloqueadas por egoísmo de certas potências, as mesmas a quem recai a responsabilidade histórica da herança da fome, da doença, do analfabetismo aos povos, que vêem assim aumentar a angústia, o sofrimento e a frustração.

Senhores Embaixadores,

Na América Central e Caribe cresce com vigor a consciência dos povos para virar a página negra de ditadura que ainda prevalece em muitos países da região. Apesar da justiça da luta e da nobreza dos objectivos que orientam os povos dessa região para a edificação de sociedades justas e democráticas, cresce na mesma proporção a intervenção estrangeira para bloquear a justa aspiração dos povos. É assim que,

— em Granada um grave precedente teve lugar com a intervenção armada estrangeira

— Na Nicarágua de Sandino o povo vê-se confrontado diária-

mente com agressões armadas alimentadas do exterior, com graves riscos de o conflito tomar proporções imprevisíveis. Temos acompanhado com preocupação o que se passa neste país e é com agrado e satisfação que temos acolhido as propostas construtivas do governo de Managua e do Grupo de Contadora com vista a estabelecer a paz na região,

— no confronto entre as ditaduras e os povos, El Salvador constituiu um exemplo de rara abnegação e de determinação popular. Apesar do apoio que recebe a ditadura, a luta conduzida pelos patriotas dirigidos pela Frente Farabundo Martí tem conquistado, no terreno de luta, uma maior simpatia junto dos povos do mundo.

No Médio Oriente é com consternação que assistimos à luta fratricida de palestinos num momento em que as intenções do imperialismo se tornam mais claras e a sua aliança estratégica efectiva. São divisões que prejudicam a causa nacional palestina. Fazemos votos que prevaleça, no ano que se inicia, a razão, a unidade, a coesão nas fileiras da causa palestina.

No nosso Continente, em África, é com esperança que encaramos a próxima reunião de reconciliação sobre o Chade a ter lugar sob os auspícios da OUA. É necessário que a paz regressasse definitivamente ao Chade martirizado por guerras fratricidas e para qual se torna imperiosa a retirada das forças estrangeiras deste território.

E com a mesma convicção que esperamos que o ano de 1984 traga ao povo do Sahara a independência e a paz. Apelamos ao Reino de Marrocos que se engaje na aplicação da solução preconizada em Adis-Abeba durante a 19.ª Cimeira da OUA.

O reforço da unidade conseguida na 19.ª Cimeira da OUA, é uma exigência dos povos africanos, uma exigência que se impõe pela tração de unidade e de luta que tem caracterizado a nossa organização continental desde a sua fundação. A OUA é um instrumento valioso dos povos africanos, ontem engajados na luta anti-colonial, hoje empenhados também na luta pela libertação económica.

Na África Austral, os Senhores Embaixadores aqui acreditados têm acompanhado o desenvolvimento da situação. Já não constitui dúvida para ninguém que o agente desestabilizador,

retirar as suas tropas invasoras de Angola, o regime expansionista da África do Sul intensifica os bombardeamentos contra a República Popular de Angola. A África do Sul continua a espalhar a destruição, a morte de civis, a desolação e o luto numa acção que faz já desencadear uma onda de protesto internacional à qual a República Popular de Moçambique se associa.

No quadro da procura da solução dos conflitos que assolam os continentes, é dever de toda a Comunidade Internacional debruçar-se seriamente sobre o drama e a tragédia que vive o povo de Timor-Leste. A ocupação, o genocídio e o massacre perpetrados pelas tropas indonésias são actos que devem preocupar a humanidade porque, não só agredem os mais elementares direitos do homem, como também violam os direitos dos povos à autodeterminação e independência nacional.

Estamos certos que a FRETILIN, legítimo representante do povo mau-bere, conduzirá a luta armada com maior vigor e ímpeto e saberá internacionalmente impor-se com mais vitórias políticas e diplomáticas.

Que este ano seja também de uma nova era na busca da solução do problema coreano, na qual prevaleça o realismo e o respeito pelos princípios internacionais em todas as partes interessadas.

A instalação de mísseis na Europa Ocidental constitui um novo elemento perigoso de um confronto global. Saudamos o poderoso movimento popular pacifista que se desenvolve na Europa e em toda a parte do Mundo, com vista a eliminar os perigos de uma guerra nuclear.

A legitimidade deste movimento tem como pano de fundo a memória dos horrores que os povos europeus e de todo o mundo viveram durante as guerras mundiais. Consideramos que as propostas formuladas pelos países socialistas constituem bases que podem possibilitar um necessário diálogo com vista a alcançar um acordo justo e duradouro para parar a desenfreada corrida aos armamentos e colocá-la a um limite que permita afastar dos povos o espectro da guerra.

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

A seca e o banditismo armado foram na República Popular de Moçambique e na nossa região os dois maiores flagelos em 1983.

No nosso país, o nosso povo, herdeiro de uma tradição heroica de resistência

radou nos momentos difíceis da luta armada de libertação nacional e ins-

positiva e urgentemente aos nossos apelos para combater a fome, o subdesenvolvimento e os bandidos armados.

Queremos mais uma vez manifestar o nosso alto apreço e profunda gratidão pela contribuição dos vossos povos e governos neste combate comum. As populações flageladas pela fome ou assassinadas pelos bandos armados fazem parte da família humana que quer a felicidade e o bem-estar dos povos. A sua morte toca a cada um de nós. A sua nutrição, a sua defesa e protecção é um dever de todos nós. Mas é ao nosso povo que o sofrimento por esta tragédia toca mais de perto. Por isso, o povo moçambicano guardará nos seus corações os vossos gestos de solidariedade e de humanismo que honram a humanidade.

A semelhança do ano anterior, 1983 foi um ano de aprofundamento do já frutuoso relacionamento com outros povos, Estados e Governos, a nível bilateral ou multilateral em cumprimento das orientações da nossa política externa, como país africano, socialista e não-alinhado.

Neste âmbito, tivemos a honra de receber no nosso país, eminentes Chefes de Estado e de Governo e delegações de alto nível o que contribuiu para o reforço das nossas relações políticas, diplomáticas e económicas. Destacamos a visita de Suas Excelências Julius Kambarage Nyerere e Kenneth David Kaunda, Presidentes da República Unida da Tanzânia e da República da Zâmbia, respectivamente, a quem o povo e o Estado moçambicanos atribuíram o Primeiro Grau da Ordem Eduardo Chivambo Mondlane. Este acto simboliza a profunda gratidão do povo moçambicano por estes dois distintos estadistas africanos que fizeram sua a nossa luta de libertação nacional desde a aurora do nosso processo libertador.

Acolhemos igualmente com alegria a visita de Sua Excelência o Presidente Nicolae Ceausescu, da República Socialista da Roménia que constituiu um momento importante para o reforço das nossas relações de cooperação económica e de amizade entre os nossos povos.

Foi com honra que também acolhemos no nosso país a Cimeira de Chefes de Estado e de Governo dos Países Membros da SADCC, o instrumento privilegiado da libertação económica dos países e povos da África Austral.

Este ano reforçou-se consideravelmente a identidade de pontos de vista e de acção dos Países da Linha

oportunidades privilegiadas para o aprofundamento das nossas relações de cooperação e de amizade com os nossos amigos tradicionais, a retaguarda estratégica no combate pela construção da sociedade nova no nosso país. Estas relações contribuíram em grande medida para a inserção cada vez maior da República Popular de Moçambique na Comunidade Socialista a que pertence.

Efectuámos visitas de Estado e de trabalho a alguns países da Europa Ocidental.

Visitámos o Reino da Bélgica, onde os resultados foram altamente positivos. Visitámos o Reino da Holanda, onde ganhámos mais amigos, onde visitámos velhos amigos, que contribuíram durante a Guerra de Libertação Nacional onde existe a Fundação Eduardo Mondlane, Trocámos e identificámos áreas de cooperação.

Visitámos Portugal, Portugal, como sabem, foi historicamente o nosso antigo patrão. Mas não foi o encontro entre antigo colonizado e o antigo colonizador. Foi o encontro de dois povos, de dois Estados iguais. Dois Estados que lutam pela Paz e pelo progresso. Dois povos que se admiram e se amam.

Por isso, a visita ultrapassou todas as expectativas do Ocidente e do Leste, quer dizer, ultrapassou aquilo que todos pensavam. Esperavam escândalo em Portugal. Pelo contrário, foi uma festa de família.

Visitámos a França. Na França, fomos acolhidos com calor, tratados com carinho, discutimos francamente e identificámos as áreas de cooperação no imediato, a curto prazo e a longo prazo.

Visitámos a Grã-Bretanha, onde o sol antigamente não descia. Pensávamos que fíamos encontrar o frio tão falado — não o frio do clima, mas o frio do britânico. Diziam-nos que o britânico não se ri e, quando chegámos lá, fomos recebidos com sorrisos bastante largos, fomos bem tratados e tiveram maior interesse, sobretudo da África Austral.

A Grã-Bretanha conhece profundamente esta região, conhece profundamente os problemas que preocupam a região da África Austral.

Discutimos seriamente e os resultados foram bastante positivos. Já recebemos muitos projectos. São especialistas de arroz, de milho, são especialistas de minas. Foram eles que desenvolveram a África do Sul. Foram, são eles que desenvolveram o Zimbabwe. Em síntese, foram eles que desenharam o Mapa de Moçambique, com Zimbabwe, com Zâmbia, com a África do Sul e com Malawi. Por isso, sabem das riquezas que existem em Moçambique.

Por isso penso que a Grã-Bretanha vai avançar muito rapidamente. Querir dizer que nesses seis países ganhámos muito mais amigos do que inimigos. Compreenderam mais profundamente a preocupação de todo o africano colonizado.

Visitámos também a Sede da Comunidade Económica Europeia, onde traçámos projectos e programas de trabalho. Por isso, foi uma nova era e este ano será o ano de implementação.

E também as nossas relações com os Estados Unidos da América — convém referir este ponto porque fazem parte do Ocidente — melhoraram substancialmente. Como vêem, chegou o Embaixador dos Estados Unidos da América. É o resultado do contacto, do diálogo, da palavra, da razão, do uso da força da razão e não da arma.

Por isso, hoje brindaremos também com o novo Embaixador dos Estados Unidos da América, aqui, como amigo, que representa o seu Estado e representa o seu povo. E muito obrigado meus amigos.

Nesta viagem, demos a imagem real da situação prevalecente na África Austral e o perigo que dela poderá resultar para a paz e segurança internacional devido ao regime do «apartheid», que prossegue uma política de agressão e desestabilização dos países da nossa zona.

Na nossa região é o «apartheid» que não quer a paz; é ele que semeia a morte e a destruição; é ele que se opõe ao desenvolvimento dos povos e dos países da África Austral.

Em todas as capitais que visitámos orçouse a consciência de que a revolução moçambicana não constitui ameaça a nenhum povo ou Estado. Ao contrário ficou patente que a República Popular de Moçambique é um bastião da paz e da liberdade que importa salvaguardar.

Somos um país pacífico e amante da liberdade. Somos pela boa vizinhança e pela coexistência pacífica. É dentro do âmbito da aplicação da nossa política socialista de paz, que temos tido conversações com as autoridades sul-africanas, porque queremos que a África Austral seja uma zona de paz onde não tenha lugar um conflito generalizado de consequências imprevisíveis. Este nosso esforço para alcançar a paz deve ter um apoio decisivo da comunidade internacional, em particular dos países

baixadores não residentes para o Botsuana, Burundi, Canadá, Checoslováquia, Mongólia, Comores, Espanha, Quênia, Lesotho, Madagáscar, Malawi, Ilhas Maurícias, Polónia, Ruanda, Seychelles e Uganda.

Senhores Membros do Corpo Diplomático,

Neste ano de 1984, Moçambique continuará os seus esforços na busca de paz, de tranquilidade, de estabilidade.

O ano de 1984 é para nós o ano



«O nosso esforço para alcançar a Paz, deve ter um apoio decisivo da Comunidade Internacional» — Presidente Samora Machel

ses aqui representados, para forçar o desestabilizador a adoptar uma atitude realista e sensata em vez de prosseguir na aplicação de soluções beiricistas, expansionistas e neocolonialistas.

É para nós uma obrigação estabelecer uma plataforma de entendimento entre a África do Sul e a República Popular de Moçambique, é condição, que o governo da República da África do Sul cesse o seu apoio aos bandos armados que criou para desestabilizar política e economicamente o nosso país.

Como já demonstramos as autoridades sul-africanas são uma extensão do exército sul-africano e, como tal, é uma atitude de ingerência aberta e abusiva contra a soberania da República Popular de Moçambique.

As nossas conversações de paz decorrem também dentro dos nossos princípios de solidariedade com a justa luta dos povos sul-africanos e namibios liderados respectivamente pelo ANC e pela SWAPO. A luta do povo sul-africano e namibio goza do apoio de toda a Comunidade Internacional. É uma luta de toda a humanidade, é uma luta pela justiça, democracia, paz e harmonia entre os homens.

Queremos sublinhar, como afirmámos recentemente na nossa mensagem à Nação, que continuaremos a dar o nosso apoio político, moral e diplomático ao ANC, movimento que há mais de 70 anos pugna pela legitimidade dos direitos civis de todos os cidadãos sul-africanos independentemente da cor, que pugna pela liberdade, pela justiça, pela democracia, pela paz na África do Sul.

Os objectivos da luta do ANC são objectivos por que luta toda a humanidade, por isso, sempre declaramos que a luta contra o «apartheid» é uma acção internacional em que toda a humanidade está envolvida.

No quadro do desenvolvimento das relações com outros povos e Estados procedemos à abertura de missões diplomáticas na República Democrática Alemã, na República Popular da China, na República de Cuba, nos Estados Unidos da América, na Etiópia Socialista e Junto da OUA.

Foram igualmente nomeados Em-

de liquidação do banditismo armado e do arranque decisivo da nossa economia.

Temos a força do povo, uma direcção política forte e esclarecida e uma causa justa que a corrente da história favorece.

Expressamos votos de que este ano, no relacionamento internacional, o diálogo e a solução pacífica dos conflitos se sobreponham à chantagem e ao uso da força.

Que a igualdade dos homens seja uma realidade em todos os países e que triunfe a causa da liberdade dos povos e da democracia.

Só assim, a Comunidade Internacional estará em posição de caminhar decisivamente para uma ordem internacional mais justa e equitativa.

Estamos certos que durante o ano de 1984 as nossas relações com os Estados e Governos que Vossas Excelências representam ganharão um novo ímpeto, aprofundando assim a realidade que já constitui a cooperação entre os nossos países e a amizade entre os nossos povos.

Aproveitamos Senhores Embaixadores, esta oportunidade singular para através de vós, saudar festivamente os cidadãos dos vossos países que conosco trabalham para o desenvolvimento da República Popular de Moçambique. Para eles, os nossos votos de sucessos e felicidades no ano de 1984.

Excelências, peço que façam chegar aos vossos Chefes de Estado e de Governo, bem como aos vossos povos esta mensagem de paz, de felicidade e de progresso.

Em nome do povo moçambicano, do Partido e do Governo da República Popular de Moçambique, em nome da minha Esposa e em meu nome pessoal, desejo para Vossas Excelências e para as vossas famílias um feliz e próspero Ano Novo.

A todos desejo boas festas e convivo que se juntem a mim num brinde.

A amizade e cooperação entre os nossos povos!

A paz em todos os Continentes! Feliz Ano Novo!

Muito Obrigado.

A LUTA CONTINUA!



O Chefe do Estado quando falava de improviso, durante a recepção oferecida aos membros do Corpo Diplomático

da região é o regime racista de Pretória. E partindo desta consciência, que se poderão encontrar soluções construtivas para se alcançar a paz e a estabilidade na zona. Apesar dos constantes apelos da Comunidade Internacional, o regime do «apartheid» continua a utilizar o banditismo armado contra os países da região com objectivos claros e precisos recusa a implementar a solução internacionalmente aceite, incluindo pela própria África do Sul de conceder a independência à Namíbia. Com cinismo próprio do «apartheid» ao mesmo tempo que faz uma proposta aparentemente de boa vontade ao Conselho de Segurança das Nações Unidas de

pirado na clareza dos princípios que o guia, enfrentou com coragem a determinação a seca e o banditismo armado.

Neste combate, o nosso povo soube criadoramente materializar as directivas económicas e sociais emanadas do IV Congresso. Pequenos e grandes projectos definidos pelo Orgão Máximo do nosso Partido, estão já em fase de implementação e, em alguns sectores, o esforço, a dedicação e o saber dos operários e camponeses moçambicanos começam já a produzir resultados positivos.

Estes resultados valorizam a importante contribuição da comunidade internacional que soube responder

da Frente em cujas Cimeiras participámos em diversas ocasiões.

No ano que findou, levámos a cabo intensas e bem sucedidas iniciativas diplomáticas que nos levaram a vários países do mundo e a participação em várias reuniões internacionais. Estivemos nas Cimeiras da OUA, do Movimento dos Países Não-Alinhados, e, ultimamente, na Cimeira de Bissau. Em todas elas demos a nossa contribuição no reforço da Unidade Africana do Movimento anti-imperialista mundial, e no da cooperação entre os países subdesenvolvidos.

As visitas que efectuámos à União Soviética, à RDA, à Jugoslávia, foram